

MARIA ANTONIETA TATAGIBA.



FRAUTA
AGDESTÉ



FRAUTA AGRESTE



Maria Antonieta Tatagiba

FRAUTA AGRESTE

Edição modernizada
de Paulo Roberto Sodré



Letras-Ufes
Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo
Editora Cândida

2020

© *Copyright* Paulo Roberto Sodré, Vitória, 2020.

Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja ela total ou parcial, constitui violação da LDA 9610/98.

Universidade Federal do Espírito Santo

Reitor: Paulo Sérgio de Paula Vargas

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação

Pró-Reitor: Valdemar Lacerda Júnior

Centro de Ciências Humanas e Naturais

Diretora: Edinete Rosa

Programa de Pós-Graduação em Letras

Coordenador: Vitor Cei Santos

Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo

Coordenador: Sérgio da Fonseca Amaral

Capa: Reprodução da capa original de *Frauta agreste* com desenho de Raul Pederneiras

Catálogo: Saulo de Jesus Peres - CRB6 - 676/ES

Projeto gráfico e editoração eletrônica: Neples

**Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do
Espírito Santo**

E-mail: neples.ppgl@gmail.com

Blog: <https://blog.ufes.br/neples/?page_id=222>

**Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação
(CIP)**

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Naturais da
Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

T216f Tatagiba, Maria Antonieta, 1895-1928
 Frauta agreste [recurso eletrônico] / Maria Antonieta
 Tatagiba ; Edição modernizada de Paulo Roberto Sodré. -
 Dados eletrônicos. - Vitória, ES : Letras-Ufes : Cândida, 2020.
 116 p. : il.

ISBN: 978-65-88662-00-7

Modo de acesso:

<https://blog.ufes.br/neples/?page_id=36>.

1. Poesia brasileira - Espírito Santo (Estado). 2. Poesia
brasileira - Séc. XX. I. Sodré, Paulo Roberto, 1962-, ed. II.
Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-
Graduação em Letras. III. Título.

CDU: 821.134.3(815.2)-1

Elaborada por Saulo de Jesus Peres - CRB-6 ES-676/O

SUMÁRIO

Apresentação | 6

Frauta agreste | 23

Berceuse | 25

Bucólica | 28

Noturno | 30

A cruz da aldeia | 32

Outono | 34

Suave amanhecer | 35

Aquarela | 37

Frutidor | 39

O semeador | 40

Enxada | 41

Genuflexão | 42

Tocadora de frauta | 44

Falando ao sol | 46

Quando eu sonhava o amor | 49

Canção de uma tarde chuvosa | 52

Ruyzinho | 54

Madrugada aldeã | 56

Idílio | 59

Sempre lustrosa | 60

Cromo | 61

Junho | 62

Dia nublado	64
Sol e chuva	65
Ângelus	66
Lua dos tristes	68
Cigarras	70
Revolta	72
Orgulho	73
Dor silente	74
Ceticismo	75
Exaltação de doente	76
Balada azul	78
Miragens	80
Igreja campesina	82
Agonia das rosas	84
Balada triste	86
O carro de bois	87
A uma árvore	88
O ribeirão	89
À beira da mata	92
Suave cantiga	94

Transcrição da “Página Confidencial” de Maria Antonieta Tatagiba	96
--	----

Fac-símiles	107
Páginas de <i>Vida Capichaba</i> com dados e poemas de Maria Antonieta Tatagiba	107

Páginas de <i>Vida Capichaba</i> com resenhas sobre <i>Frauta agreste</i> , de Maria Antonieta Tatagiba	113
---	-----

APRESENTAÇÃO

Desde 2008, quando a poeta Maria Antonieta Tatagiba foi a homenageada do Bravos Companheiros e Fantasma: III Seminário sobre o Autor Capixaba, idealizado por Reinaldo Santos Neves, coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo do Programa de Pós-graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, a atenção e os estudos sobre a singularidade e a qualidade da poesia dessa autora de São Pedro do Itabapoana, no interior do estado, vêm ganhando mais visibilidade e interesse.



Matéria, cartaz e livro sobre o evento Bravos Companheiros e Fantasma em homenagem a Maria Antonieta Tatagiba.

Anna de Castro Mattos, Francisco Aurelio Ribeiro, Agostino Lazzaro e Karina de Rezende-Fohringer, entre outros, são os pesquisadores que mais destacaram, em seus estudos sobre a literatura feita no Espírito Santo, em especial a feminina, os aspectos fundamentais da poesia tatagibeana publicada em seu único livro, *Frauta agreste*, de 1927, sob os cuidados da Livraria Editora Leite Ribeiro Freitas Bastos, do Rio de Janeiro, concorrente das tradicionais Francisco Alves e Garnier.

Em *O papel da mulher e a mulher de papel: vida e obra de Maria Antonieta Tatagiba*, Karina de Rezende-Fohringer (2008) examina a biobibliografia da poeta e analisa os versos bucólicos que atravessam o livro de 1927. Com isso, enceta uma leitura mais sistematizada da obra, reúne a fortuna crítica até então conhecida e instaura uma sequência de publicações que torna mais visível a poética da “tocadora de frauta”.



Retratos de Maria Antonieta Tatagiba (sem créditos) e capa do livro de Karina de Rezende-Fohringer sobre a poeta.

Percebe-se nesse trabalho que a crítica favorável à poesia de Maria Antonieta Tatagiba se iniciou já desde a publicação de *Frauta agreste*, quando Jairo Leão (1927), na *Vida Capichaba*, Maria Eugenia Celso (1928), no *Jornal do Brasil*, e Mendes Fradique (1928), em *O Jornal*, ambos os periódicos do Rio de Janeiro, elogiaram seus versos. Nesse mesmo período, Cecília Meireles escreveu à autora, cumprimentando-a pelos poemas. Em 1934, José Victorino de Lima publicou *Poetas capixabas*, em que Maria Antonieta Tatagiba recebe um verbete. Grinalson Francisco Medina, em 1935, lançou *História do antigo município de São Pedro de Itabapoana: páginas de nossa terra (1534-1931)*, fazendo referências à poeta. José Paulino Alves Júnior, em 1941; Anna de Castro Mattos, em 1957, e Mesquita Neto, em 1959, discursaram ou escreveram sobre a autora de *Frauta agreste*.



Capa e página da *Vida Capichaba* em que se homenageia Maria Antonieta Tatagiba e capa da antologia de José Victorino.

José Augusto Carvalho, no *Panorama das letras capixabas*, em 1982, refere a autora. Anna de Castro Mattos, no mesmo ano, em “Uma poetisa capixaba: Maria Antonieta Tatagiba”, capítulo de *Três temas capixabas*, por meio de dados historiográficos, procura iluminar o lugar da poeta no cenário literário espírito-santense. Elmo Elton, também em 1982, publicou seus poemas em *Poetas do Espírito Santo* (p. 84-86).

Em 1990, no verbete “Literatura do Espírito Santo”, de Oscar Gama Filho, constante da *Enciclopédia da Literatura Brasileira* (2001, v. 2, p. 1291), de Afrânio Coutinho e José Galante Sousa, Maria Antonieta Tatagiba é mencionada (GAMA FILHO, 2019, p. 124). No mesmo ano, Francisco Aurelio Ribeiro inicia uma série de publicações sobre a literatura feita no estado a partir de sua tese *A literatura do Espírito Santo: uma marginalidade periférica*; nesse trabalho, publicado em livro em 1996, o autor traz um capítulo sobre a literatura feminina, em que a poesia de Maria Antonieta Tatagiba é observada (1996, p. 36-39). Provavelmente em 1992, reunindo vários estudiosos capixabas, a Cultural-ES produziu a *História do Espírito Santo*, ainda inédito, em cuja “Parte II - Muito soneto e algum verso livre (1930-1950)” Luiz Busatto comenta sobre a relevância da natureza em *Frauta agreste* (1992, p. 197-198). Em 1995, Agostino Lazzaro examina o percurso da poeta e seleciona alguns de seus textos, em *A face múltipla e vária: a presença da mulher na cultura capixaba* (p. 47-56). Ribeiro também

publica, em 1998, a *Antologia de escritoras capixabas* (p. 148-150), em que a autora tem sua obra registrada; no mesmo ano, Assis Brasil inclui a poeta em seu *A poesia espírito-santense no século XX: antologia* (p. 47-49). Em 2003, Ribeiro dedica o primeiro capítulo de seu *Literatura feminina capixaba (1920-1950)* à poeta, além de Maria Eugenia Celso (RIBEIRO, 2003, p. 9-22). Ribeiro, em 2010, transforma o teor desse livro em um dos capítulos de *A literatura do Espírito Santo: ensaios, história e crítica* (p. 53-90).



Capas dos livros em que a poesia de Maria Antonieta Tatagiba é estudada.

Mais recentemente, no *Mapa da literatura brasileira feita no Espírito Santo*, Reinaldo Santos Neves comenta a obra e o estilo da poeta (2016; 2019, p. 34).

Apesar dessa trajetória de resenhas, homenagens e estudos críticos, o livro raro - com capa do famoso artista gráfico da *Belle Époque* carioca, Raul Pederneiras - continuou sem uma segunda edição até 2015, quando Marlusse

Pestana Daher, da Academia Mateense de Letras, decidiu fazê-la. Em que pesem a importância do empreendimento editorial e a qualidade da apresentação de Karina de Rezende-Fohringer, o livro apresenta problemas de transcrição, o que compromete, infelizmente, a nova edição.

Por esse motivo, e resgatando um antigo projeto que remonta a 2008, propomos esta edição de *Frauta agreste*. Inicialmente, a intenção era realizar uma edição diplomática do livro, cujo texto se baseou nas regras ortográficas da época, o que os historiadores da língua portuguesa denominam período pseudo-etimológico, isto é, fase que durou do século XVI ao início do XX, quando a grafia das palavras se baseava principalmente em sua muitas vezes pretensa etimologia latina ou grega (SCARTON, 2009, p. 26-28). Eram comuns, desse modo, os símbolos da etimologia grega (ch, ph, rh), as consoantes dobradas (nn, ll) ou mudas (c, p) ou os acentos gráficos irregulares. Logo no primeiro poema homônimo de *Frauta agreste* (TATAGIBA, 1927, p. 9-12), há alguns exemplos desse tipo de grafia: “porcellana”; “crystal”; “saphira”; “suggestiva” etc. Em outros poemas: “indistincta” ou “nocturno”.

Embora o conhecimento da ortografia pseudo-etimológica e da impressão tipológica dos anos

de 1920 possa ser interessante¹ para alguns(mas) leitores(as), optamos pela modernização da língua portuguesa, sem prejuízo para a sonoridade e o ritmo dos versos, de maneira que o(a) leitor(a) de hoje tenha chance de se aproximar mais agilmente da poesia pastoril que baseia os versos de Maria Antonieta Tatagiba. Vale notar, a propósito, que, apesar de parecer arcaica, a grafia “frauta” para “flauta” mantém-se atualmente, mesmo sendo pouco usada (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1388); por esta razão, mantivemos o termo original no título e nos poemas já consagrados.

Para evitar uma longa apresentação e, sobretudo, para incentivar o(a) leitor(a) ao exame da fortuna crítica sobre *Frauta agreste*, procuramos recolher nas referências uma série de comentários e estudos dedicados à poeta. Com isso, esperamos aguçar a curiosidade e o empenho em se discutirem os diversos aspectos que envolvem a produção e a publicação desse único livro de Maria Antonieta Tatagiba, primeira autora capixaba a ter livro editado.

Paulo Roberto Sodré
Sérgio da Fonseca Amaral

¹ Alguns exemplos da impressão tipográfica são “E” em vez de “É” ou “A” em vez de “À”.

Referências:

ALVES JÚNIOR, José Paulino. *Discurso sobre Maria Antonieta Tatagiba proferido em 8 de março de 1941*. Vitória: Academia Espírito-santense de Letras, 1941.

BRASIL, Assis (Org.). Maria Antonieta Tatagiba. In: _____. *A poesia espírito-santense no século XX: antologia*. Rio de Janeiro: Imago, 1998. p. 47-48.

BUSATTO, Luiz. Muito soneto e algum verso livre (1930-1950). In: HISTÓRIA da Literatura do Espírito Santo. Vitória: Cultural-ES, [1992]. 3 v. p. 349-369. Datiloscrito inédito constante do acervo Coleções Especiais da Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo. Tombo n. 869,0 (81) (091) H 673.

CARVALHO, José Augusto. [A primeira mulher capixaba a publicar um livro é Maria Antonieta Tatagiba]. Panorama das letras capixabas. Capítulo III. A Terceira Fase: a fase da academia (1913-1963). *Revista de Cultura da Ufes*, Vitória, n. 21, 22 e 23, 1982. n. 22, p. 69.

CELSO, Maria Eugenia. Femina. *In memoriam* - Maria Antonieta Tatagiba. *Vida Capichaba*, Vitória, n. 116, 15 mar. 1928.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante (Org.). *Enciclopédia da literatura brasileira*. São Paulo: Global, 2001. 2 v.

ELTON, Elmo. Maria Antonieta Tatagiba. In: _____. *Poetas do Espírito Santo*. Vitória: Ufes, 1982. p. 84-86.

FLEURY, Karina de Rezende Tavares. *Alma de flor. Maria Antonieta Tatagiba: vida e obra*. Vitória: Prefeitura de Vitória, 2007. (Coleção Roberto Almada, v. 12).

FLEURY, Karina de Rezende Tavares. Ensaio de uma contista: análise do conto “A cruz da estrada”, de Maria Antonieta Tatagiba. In: MACHADO, Lino; SODRÉ, Paulo Roberto; NEVES, Reinaldo Santos (Org.). *Bravos companheiros e fantasmas 3: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Vitória: PPGL, 2008. p. 260-269.

FLEURY, Karina de Rezende Tavares. *O papel da mulher e a mulher de papel: vida e obra de Maria Antonieta Tatagiba*. 2008, 147 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

FLEURY, Karina de Rezende Tavares. *O papel da mulher e a mulher de papel: vida e obra de Maria Antonieta Tatagiba*. Vitória: Opção, 2008.

FRADIQUE, Mendes. Frauta Agreste. *In memoriam - Maria Antonieta Tatagiba. Vida Capixaba*, Vitória, n. 116, 15 mar. 1928.

GAMA FILHO, Oscar. Literatura do Espírito Santo: verbete. *Fernão: Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo*, Vitória, ano 1, n. 1, p. 119-129, jan./jul. 2019. Disponível em:

<<http://periodicos.ufes.br/fernao/issue/view/977>>. Acesso: em 6 jul. 2020.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAZZARO, Agostino. Maria Antonieta Tatagiba: os frutos de ouro da poesia. In: _____. *A face múltipla e vária: a presença da mulher na cultura capixaba*. Vitória: Prefeitura de Vitória, 1995. p. 47-56.

LEÃO, Jairo. Maria Antonieta Tatagiba. *Vida Capixaba*, Vitória, n. 92, 1927.

LIMA, José Victorino de. Maria Antonieta Tatagiba. In: _____. *Poetas capixabas*. Vitória: Academia Espírito-santense de Letras, 2018. p. 20-21.

MATTOS, Anna de Castro. Maria Antonieta Tatagiba: patrona espiritual da AFESL. *A Gazeta*, Vitória, 17 set. 1957.

MATTOS, Anna de Castro. Uma poetisa capixaba: Maria Antonieta Tatagiba. In: _____. *Três temas capixabas*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1982. p. 37-51.

MEDINA, Grinalson Francisco. *História do antigo município de São Pedro de Itabapoana: páginas de nossa terra (1535-1931)*. [s.l.]: Viper, 1935. p. 57-125.

NETO, Mesquita. Uma poetisa. *A Gazeta*, Vitória, 14 mar. 1959.

NEVES, Reinaldo Santos. *Mapa da literatura brasileira feita no Espírito Santo*. Vila Velha: Estação Capixaba, 2016-. Disponível em: <<http://www.estacaocapixaba.com.br/2016/01/mapa-da-literatura-brasileira-feita-no.html>>. Acesso: 6 jul. 2020.

NEVES, Reinaldo Santos. *Mapa da literatura brasileira feita no Espírito Santo*. 2. ed. Vitória: Estação Capixaba, 2019. Disponível em: <<https://blog.ufes.br/neples/files/2019/10/Mapa-da-literatura-brasileira-feita-no-ES-de-Reinaldo-Santos-Neves.-1.pdf>>. Acesso em: 6 jul. 2020.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de (Org.). Cadeira 02. Patrona - Maria Antonieta Tatagiba. In: _____. *Antologia caminhos literários no Espírito Santo: patronas e acadêmicas*. Vitória: Academia Feminina Espírito-santense de Letras, 2013. p. 28-32.

RIBEIRO, Francisco Aurelio (Org.). Cadeira n. 32. Patrono: Maria Antonieta Tatagiba. In: _____. *Patronos e acadêmicos*. 3. ed. Serra: Formar, 2010. p. 190.

RIBEIRO, Francisco Aurelio (Org.). Cadeira n. 32. Patrono: Maria Antonieta Tatagiba. In: _____. *Patronos e acadêmicos*. Vitória: Academia Espírito-santense de Letras; Prefeitura Municipal de Vitória, 2019. (Coleção José Costa, v. 28). p. 153.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. Literatura feminina capixaba (1920-1950). Em busca de espelho. 1. A poesia feminina, na década de 20: Maria Antonieta Tatagiba e Maria Eugenia

Celso. In: _____. *A literatura do Espírito Santo: ensaios, história e crítica*. Serra: Formar, 2010. p. 53-90.

RIBEIRO, Francisco Aurélio. A literatura feita por mulheres no Espírito Santo. In: _____. *A literatura do Espírito Santo: uma marginalidade periférica*. Vitória: Nemar, 1996. p. 31-55.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. A poesia feminina, na década de 20: Maria Antonieta Tatagiba e Maria Eugenia Celso. In: _____. *Literatura feminina capixaba (1920-1950)*. Vitória: Academia Espírito-santense de Letras, 2003. p. 9-22.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. Maria Antonieta Tatagiba (1895-1928). In: _____. *Antologia de escritoras capixabas*. Vitória: Ufes, 1998. p. 148-150.

RIBEIRO, Francisco Aurélio; AZEVEDO, Thelma Maria. Maria Antonieta Tatagiba. In: _____. *Dicionário de escritores e escritoras do Espírito Santo*. Vitória: Academia Espírito-santense de Letras, 2008. p. 243.

SCARTON, Gilberto. A orthographia da língua portuguesa, que virou ortografia: história dos (des)acordos. In: MOREIRA, Maria Eunice; SMITH, Marisa Magnus; BOCCHESI, Jocelyne da Cunha (Org.). *Novo acordo ortográfico da língua portuguesa: questões para além da escrita*. Porto Alegre: EdPUCRS, 2009. p. 21-46.

SCOLFORO, Jória Motta. A escrita e pensamentos das mulheres na revista “Vida Capicha-

ba” In: ARQUIVO Público do Estado do Espírito Santo. Vitória: APE-ES, 2016. Disponível em: <<https://ape.es.gov.br/Not%C3%ADcia/a-escrita-e-pensamentos-das-mulheres-na-revista-vida-capichaba>>. Acesso em: 17 maio 2020.

SCOLFORO, Jória Motta. Maria Antonieta Tatagiba e a literatura feita por mulheres. In: ARQUIVO Público do Estado do Espírito Santo. Vitória: APE-ES, 2017. Disponível em: <<https://ape.es.gov.br/Not%C3%ADcia/maria-antonietta-tatagiba-e-a-literatura-feita-por-mulheres>>. Acesso em: 17 maio 2020.

SODRÉ, Paulo Roberto. A tocadora de flauta, o tigre e o riso de Voltaire: leitura de poemas de Maria Antonieta Tatagiba. In: AZEVEDO FILHO, Deneval Siqueira de; NEVES, Reinaldo Santos; SALGUEIRO, Wilberth (Org.). *Bravos companheiros e fantasmas 4: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Vitória: Edufes, 2011. p. 184-192.

SODRÉ, Paulo Roberto. Elmano Sadino, Maria Antonieta Tatagiba e os tocadores de flauta. In: MACHADO, Lino; SODRÉ, Paulo Roberto; NEVES, Reinaldo Santos (Org.). *Bravos companheiros e fantasmas 3: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Vitória: PPGL, 2008. p. 338-346.

SODRÉ, Paulo Roberto. Uma canção de maio de Maria Antonieta Tatagiba. In: MACHADO, Lino; SODRÉ, Paulo Roberto; NEVES, Reinaldo Santos (Org.). *Bravos companheiros e fantasmas*:

estudos críticos sobre o autor capixaba. Vitória: PPGL, 2007. v. 2. p. 238-247.

TATAGIBA, Maria Antonieta. *Fruta agreste*. 2. ed. São Mateus: Academia Mateense de Letras (Amaletas), 2015.

TATAGIBA, Maria Antonieta. *Fruta agreste*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro Freitas Bastos, 1927.

TATAGIBA, Maria Antonieta. Página confidencial. *Vida Capichaba*, Vitória, n. 49, 1925.

TATAGIBA, Maria Antonieta. Secção biographica. *Vida Capichaba*, Vitória, n. 62, 1926.

TOMAZI, Micheline Mattedi; SODRÉ, Paulo Roberto. Imagens de atores sociais, papéis e identidades na poesia de Maria Antonieta Tatagiba. In: NASCIMENTO, Jarbas Vargas; TOMAZI, Micheline Mattedi; SODRÉ, Paulo Roberto. *Língua, literatura e ensino*. São Paulo: Blucher, 2015. p. 23-36.



A ciência não basta para compreender a linguagem da Natureza. Para muitos homens são a poesia e a arte intérpretes mais compreensíveis da natureza do que a ciência.

Citação de Ratzel - Conferência de Tobias Moscoso

*Levas nas mãos imperiosas
Sem que o suspeites sequer
A mais rubra dentre as rosas
Um coração de mulher!...
É pequenino e de um mundo
Todo o infinito contém,
E nunca de tão profundo
Enchê-lo pode ninguém.*

Maria Eugenia Celso

FRAUTA AGRESTE

Este sítio risonho entre montes aberto
É a seara de Booz, onde a miséria humana
Não entristece o olhar que vê o céu de perto,

Lindo e azul qual preciosa e antiga porcelana,
Quando raia a manhã cheirosa, pura e fria
É áureo guerreiro, o sol do seu carro espadana

Setas de ouro e de luz por sobre a ramaria,
Sobre as casas se abrindo através dos pomares,
Num bulício de vida e de sã alegria...

Que ledó é o fumo azul que sobe destes lares
Para o alto a se juntar aos tufos da neblina
Nas serras, de onde vem, embalsamando os ares,

Um aroma de jasmim - a essência agreste e fina
Dos verdes laranjais se abrindo ao longe, em flor...
Canta a voz de cristal do sino na colina.

Lembrando ao já desperto e ativo lavrador
Que a terra fértil, boa, espera o grão nas leiras
Para o tornar em pão, regada de suor.

Há duetos de sabiás à tarde, nas balceiras
Para embalar o sol que atrás da serra expira
Golfando sangue sobre as cristas das pedreiras.

Rósea, a sempre-lustrosa os seus festões atira
Pelas sebes da estrada e a esmo pelos campos,
Onde passam cantando águas cor de safira...

São os dias aqui sempre azuis... Pomos lampos
Coroam na ramada o labor da charrua...
São as noites de paz, cheias de pirilampos...

E como é sugestiva e poética esta lua
Serrana, quando mostra entre o crivo da mata,
Num desmaio de amor a face casta e nua...

Sobre a aldeia adormida - oh! Magia tão grata
À alma que sonha - entorna o seu clarão incerto
Aluminando o enlevo azul da serenata...

Aqui neste rincão de verduras coberto
Entre montes tafues que beijam o infinito
E onde se julga ver o claro céu de perto.

É que os dias eu passo em sossego bendito,
Tocando a minha frauta e ouvindo a singeleza
Do seu som se casar, das aves ao *spartito*,

No seio acolhedor da bela Natureza!

BERCEUSE

Leve melodia... pluma
De som nas asas do vento,
Dentro da tarde de bruma
Me adormece o pensamento.

Leve, leve cantilena,
Voz de prece, de ternura,
É aquela que minha avena
Entre as folhagens murmura...

Não é mais brando, por certo
O murmúrio da brisa,
Que sobre o lírio entreaberto
Num leve beijo desliza...

Música suave, dormente
Como a canção da água viva,
Vem de uma clara corrente
Que do coração deriva...

E como o regato ledó
Que rolando com desleixo,
Vai contando o seu segredo
Ora a um arbusto, ora a um seixo

Boiando vão lindas flores
Ao lume da fonte calma:
Tristezas, sonhos, amores,
Que vicejam na minha alma.

Misteriosa harmonia
Tem esta frauta louçã...
Nela gorjeia a alegria
Da alma olímpica de Pan...

Canta romanzas de outono
Que a gente percebe, além,
Nas horas doces de sono,
Sem saber de onde é que vêm...

Choro dos ramos que o açoite
Do vento fere, sem tino,
Quando os cabelos da noite,
Doura o luar opalino...

E ouvindo a frauta maviosa
Nesta paisagem tristonha,
Meu ser não sofre nem goza
Mas placidamente sonha...

E vou cantando baixinho,
Para mim mesma esquecida,
Sem notar que este caminho
Me conduz ao fim da Vida...

Leve melodia... pluma
De som nas asas do vento,
Dentro da tarde de bruma,
Embala-me o pensamento.

É que na paz destes montes
Ouço a tua cantilena,
Que lembra o choro das fontes
Ó meu Sonho - minha avena!

BUCÓLICA

No regaço macio da montanha
 Envolvida no crepe
Da bruma, que é uma renda da Bretanha,
Tem o povoado a graça de um presepe.

Pelas encostas, entre as plumas do arvoredos,
 Sobe a casaria...
Dos telhados o fumo foge ledos,
 A vida canta de alegria...

Ao redor tudo é verde, viçoso,
Os montes, as lavouras, as pastagens,
O matagal que a farfalhar de gozo,
Agita a ventarola das folhagens

O céu é de uma cor fugidia, indistinta,
 Que a paleta não traduz,
 Uma cor que não é tinta,
 Um azul feito de luz...

Riscam as serras, ao fundo, os cafezais...
Aos pés do povoado, em torno dum moinho
 Que não trabalha mais.
Há lírios debruçados no caminho...

E vê-se, ao longe, o ribeirão rolando
Entre ervaçais, a par da larga estrada,
Onde trovas de amor passa cantando
O tropeiro, ao raiar da madrugada!

NOTURNO

Escurece. No ar frio se desata
Dos astros o rosário cintilante,
Sobre a montanha - a lua, flor de prata
Da noite, surge linda, neste instante.

Da ara da terra erguida mansamente
Vai para o céu subindo devagar,
Como incensário de ouro, refulgente
De onde escorre o alvo fumo do luar.

Na poeira da luz nívea e gelada
Dormem as árvores... E os lírios brancos
Pelas moitas, beirando a argêntea estrada
Perfumam o abandono dos barrancos.

O haxixe azul do Sonho me tonteia...
Que noite linda!... E rememoro, calma,
Sob o amavio desta lua cheia,
Outras noites que vivem na minha alma!

Minha saudade se abre para vê-las
De novo, assim tão álgidas e quietas,
Povoadas das quimeras, das estrelas,
De que anda cheia a vida dos poetas.

Recordo-me de tudo: a rósea sala,
O nosso idílio cálido de outrora
Sob este mesmo luar, puro, de opala,
Que dorme e sonha na amplitude agora.

Era no inverno e a rútila centelha
Da paixão estuava.... Frio e ardor...
Doce era o frio e nessa flor vermelha
Que é tua boca ainda mais doce o amor!

Tinhas fogo nas veias e tremias...
Queimavam dos teus olhos os lampejos...
Que delícia naquelas noites frias,
Teu carinho e a quentura dos teus beijos!

O haxixe azul do Sonho me tonteia...
Que noite linda! ... E rememoro, calma,
Sob o amavio desta lua cheia,
Outras noites que vivem na minha alma!

A CRUZ DA ALDEIA

Beijo o seu vulto solitário e esguio,
Recortado no azul destes céus baços...
Beija-o a lua, num beijo triste e frio,
Que escorre como um pranto de seus braços...

Plantaram-na ali, árvore de amor,
Em meio ao povoado, junto à ermida,
E ela promete um lenitivo à Dor
Que vai qual uma sombra atrás da Vida.

Chamando a si, a alma do Bem transviada,
Atalaia da crença, ergue-se à luz...
E como um bálsamo extravasa em cada
Aflição a piedade de Jesus.

Quando rompe a manhã, cerradas portas,
Brilham longos rosários de rainhas,
- Pranto que a noite chora em horas mortas,
Sobre os seus braços - pouso de andorinhas.

Vejo-a... assim negra e merencória, pelas
Cruas noites de inverno e de tristeza,
Sob o céu limpo do oiro das estrelas,
Com esse ar de quem sonha, de quem reza...

Que é que pedes, ó cruz, nessa oração?
Que Deus proteja a pequenina aldeia?
Que jamais a uma boca falte o pão,
Que sobeje a ventura que escasseia?

Reza a tua doce e muda prece:
Há de brilhar ao sol a loura seara,
Ao redor haverá mais farta messe,
E em cada lar uma risada clara.

Ó cruz, cheia de bem-aventurança,
Irmã das que no Campo-Santo, em alas,
Choram pelos mortos sem lembrança,
O orvalho feito lágrimas de opalas.

Eu te amo e em ti bendigo o vulto santo
Da que no meu jazigo há de se erguer:
- De seus braços, talvez, o único pranto,
Corra, a chorar por mim, quando eu morrer!

OUTONO

Éis o outono que chega. As frondes arrepia
Uma ligeira brisa e o arvoredado oscilando
Expande-se ao calor suave de um sol mais brando,
Numa revelação de incontida alegria.

A natureza toda é frescor, louçania...
Um quebranto de luz e cor tudo adoçando...
Uma orquestra triunfal vibra de quando em quando:
É a música do espaço em um duo de harmonia

Com a música da relva... Esvoaça o enxame louro
Das abelhas, buscando a doçura do mel
Dum pomo ou duma flor, nos ramos do vergel.

E a alma verde da terra exuberante e flórea,
Ramalha de prazer na renovada glória,
Duma germinação farta de frutos de ouro.

SUAVE AMANHECER

Esta clara manhã que a luz do sol espera
Vibra no riso fresco e azul da primavera.
Não sei, porém, que dor punziu a noite, entanto,
Que as árvores cobriu de cristalino pranto.

Oscula a viração, num largo rumorejo,
À paisagem num longo e apaixonado beijo...
Que perfume sutil, vaga em torno de mim:
- De resedá e rosa - um cheiro de jardim!

O arvoredado ao cantar dos ledos passarinhos,
Dança um bailado verde à beira dos caminhos...
Levando o azul do céu, foge clara e ligeira
A corrente do rio e entre os vergéis se esgueira...

Os flóreos laranjais, por certo, andam noivando,
Um suspiro - uma flor rola de quando em quando...
O bambual se agita e todo caracola
Como se fosse crespa e verde ventarola...

Cogumelos em bando abrem os guarda-sóis
E entre as folhas se estende o tear dos aranhões...
Passam agora no ar, em ronda, em fervedouro,
Libélulas, zangões, borboletas cor de ouro...

Mas numa “Paul Neyron” orvalhada e vermelha,
Num beijo vai pousar uma pequena abelha.
E olhando esta manhã em cujo seio imenso
Vejo flores, zangões, ninhos, serpes, eu penso:

A Vida é bela sim, mesmo ferindo é boa,
Dá-nos compensações se acaso nos magoa...
Elevemos a Dor que às vezes nos crucia,
Do espinho brotará uma flor de poesia...

Mesmo a sofrer eu canto: a minha alma é esta rosa
Rubra que se abre à luz tão rórida e mimosa...
Da Vida o estranho mel em seu cálix risonho,
Vai haurir, como a abelha, o enlevo do meu Sonho!

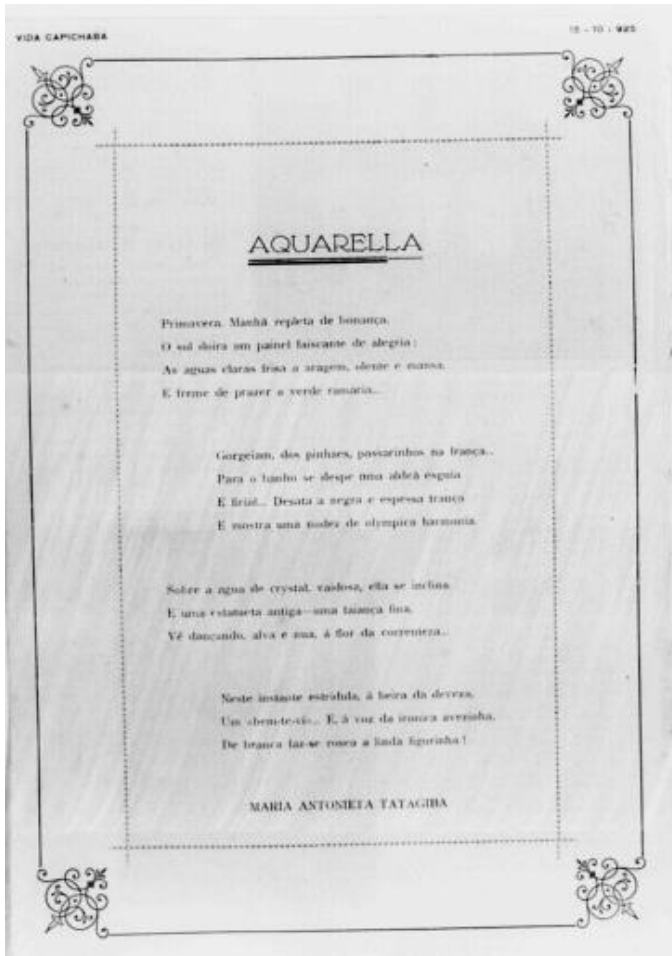
AQUARELA

Primavera. Manhã azul toda bonanças
O sol doira um painel faiscante de alegria:
Frisam o claro rio auras frescas e mansas
E treme de prazer a verde ramaria...

Gorjeiam sabiás nas virentes retranças...
Para o banho se despe uma aldeã esguia
E lirial... Desata as bastas, negras tranças,
E mostra uma nudez de olímpica harmonia...

Sobre a água de cristal, vaidosa, ela se inclina:
E uma estatueta antiga - uma faiança fina,
Vê dançando, alva e nua, à flor da correnteza...

Estridula, de chofre, à beira da devesa
Um bem-te-vi... E à voz da irônica avezinha!...
De pudor faz-se rósea a linda figurinha!...



Página de *Vida Capichaba* com o poema “Aquarella”,
de Maria Antonieta Tatagiba, n. 55, 1925.

FRUTIDOR

Oivo sol irradia em fulgente cascata
A loura luz que inteiro o prado verde aquece.
Do outono a cornucópia avonde se desata
E no ouro da razão a veiga resplandece.

Um mágico tesouro evoca a flava messe
A brilhar através da folhagem de prata,
De pomos de topázio a flora se entretece
E um cheiro de pomar derrama a brisa grata.

De Aretusa é talvez o sonhado jardim
De fulva frutescência a cintilar assim
No brilhante verdor da viçosa ramada...

É que Pomona abriu o seio áureo da terra
Que tamanha riqueza ocultamente encerra,
Numa fecundidade opulenta e abençoada!

O SEMEADOR

Em meio ao campo limpo, já roçado,
Todo banhado pelo sol nascente,
O lavrador espalha a áurea semente,
Que lhe dará o pão abençoado.

E este labor que o traz assim curvado,
Alma boa e pacífica, não sente:
Dá-lhe o céu o azul mais refulgente,
E os passarinhos o melhor trinado.

Dá-lhe a sação um farto frutidor...
E coração ingênuo, se contenta
Tendo o seu lar cheio de paz e amor...

- Atira, atira às leiras, às mãos-cheias,
Ó Semeador, o grão que te alimenta,
E vai longe matar fomes alheias!

ENXADA

Dejo-a nas mãos do forte lavrador
Em cujos ombros afinal descansa,
De retorno do campo, na hora mansa
Em que a tarde põe termo ao seu labor.

De dia fere o solo abrasador,
Ao sol de fogo e à chuva que o céu lança,
Para que na sação venha a abastança
Sorrir no viço da seara em flor...

Do lavrador amiga, ouve a toada
Que aos ecos solta a sua voz magoada,
Para adoçar as mondas tão penosas...

E companheira, há de seguir-lhe os passos,
Em lhe cerrando a morte os olhos baços,
Para um leito lhe dar cheio de rosas!

GENUFLEXÃO

*D*este-me, ó Deus, a inexcedível graça,
De crer. A terra toda tresvaria...
E a Fé é a gema rútila, sem jaça,
Entre o luzir de falsa pedraria...

Lembra o Mar morto a sedução do mundo:
A linfa cristalina, cor de jade,
Oculta a vasa pútrida do fundo...
Crer, é um pouco de felicidade...

Sentir alma de ateu, alma de treva,
Que não desvenda, além, a perfeição...
E ver que a Dor em nossa carne ceva
A horrível fome de vampiro, em vão....

Sofrer vendo estrelada a esfera clara,
A terra toda em flor, como um rosal...
E a vida que nos enche o ser, tão cara!
Não ser nada na vida universal!

Crer que este eflúvio que a matéria tem
Morra na cova, de infalível forma,
E que do morto nada reste além,
Da podridão que em seiva se transforma

Para nutrir a terra... E ver que os anos
Passam e onde esse prazer perfeito?
Ah! E a ventura feita só de enganos
E esse “não ser” fatal do último leito?

Não sentes, infeliz materialista,
Que é tua alma o teu maior carrasco?
Eu creio!... Sim, eu creio! E quando a vista
Levanto ao céu forrado de damasco,

Pressinto, Deus, o teu fulgor... Em tudo:
Nas selvas onde há flores e há espinhos,
Onde há serpes na relva de veludo
E cantam as aves com amor nos ninhos.

No majestoso mar, na linda aurora
Cheia do ouro do sol, na noite cheia
Do alvor do luar... em tudo isso elabora
Tua mão... ela tudo aformoseia...

E quanta maravilha oculta, acesa
Pelo universo, além do nosso olhar!
E em tudo fulge essa eternal Beleza
De que és o centro - a fonte luminar!

Deus! Creio em ti e na minha alma creio,
Por ti sofro sorrindo, acho bendito
O sofrimento que me punge o seio...
A Dor é um degrau para o infinito...

É o cadinho onde adquire intenso
Brilho o ouro da alma... E sou feliz, Senhor,
Porque meu ser se eleva como o incenso
À tua Luz, numa oblação de amor!

TOCADORA DE FRAUTA

Tocadora de frauta, em meu caminho,
Das cidades fugi, fugi do burburinho
Onde viça a miséria e a orgia tumultua...
E a vaidade que goza sem pensar
Não vê, pisando o negro pó da rua
Que nele há de acabar...

Busquei a solidão onde o céu ledô
E garço me sorri através do arvoredô...
E canta em meu ouvido um regato cor de ouro,
O lírio nasce à toa na devesa,
E a passarada, livre, canta em coro
O amor da Natureza...

Toquei suavemente as minhas árias
Nestas plagas de sol, silentes, solitárias,
Para o bailado leve, alado, pastoril,
Que dança a ronda alegre das abelhas
Na placidez destas manhãs de abril,
Entre as dalias vermelhas...

Cantei com voz repleta de ternura
As alegrias sãs de uma existência pura,

A enxada, o beijo, a paz - Trindade sacrossanta
Que enche de luz o pobre lar discreto
Que meio torto, entre árvores, levanta
O hospitaleiro teto...

Cantei o sol, o luar branco de prata,
As montanhas azuis, a seara, a flórea mata,
O despertar da aldeia ao soar das fanfarras
Dos sinos, na luz rósea das manhãs...
- Para Deus, para mim, para as cigarras
Que são minhas irmãs...

E a terra deu-me frutos, deu-me flores...
E deu-me a solidão o vinho de mil cores
Do Sonho - eucaristia e vida dos poetas...
E um zagalzinho de olhos de safira
- O ramo agreste, as rosas prediletas
Que enfeitam minha lira...

FALANDO AO SOL

Ó luz, que eu tanto adoro,
Amortalha-me tu! E possa eu desfazer-me
No ar claro e sonoro!

Vicente de Carvalho

Salve! Três vezes salve! Ó pai da Natureza!
Eterno manancial da Vida e da Beleza!

Recebe neste canto a alma cheia de amor,
Que é idólatra, sol, do teu vivo esplendor.

Feliz de quem te vê, glória dos olhos meus,
Mais fulgor do que tens - pressinto só em Deus!

Teu reino é todo azul e cheio das faíscas
Das estrelas que são as tuas odaliscas.

A lua, morta, a errar pela abóbada infinda
Ao teu beijo revive e como fica linda!

Quando o teu plaustro chega e se abre a flor do dia,
A passarada canta e a terra se extasia...

Nas tardes de verão o mar quando retrata
O teu clarão parece um tesouro de prata.

Lembra a terra viçosa em perpétuo festejo
Eva amorosa dando a boca para o beijo,

O seio luxuriante oferece, garrida,
Ao teu pólen de luz, germinador da Vida.

Se escura bruma envolve a tua face ardente
Minha alma se entristece e a tua ausência sente.

Quando iluminas, fulvo, as selvas aromais,
Prateados aranhões, besouros de corais,

Quando beijas a rosa aljofrada de orvalho
Que um favônio cheiroso embalança num galho.

Quando fazes brilhar maravilhosas minas
De fúlgidos metais nas fontes cristalinas.

Quando tornas o poente um rubro matadouro,
E chora à ave-maria a alma de um sino de ouro,

Ou no céu do nascente, esplêndido, te elevas...
Em tudo eu te amo, ó Sol, dominador das trevas...

Gosto do teu calor que me desenregela,
Tu me fazes sentir a Vida olente e bela,

Para a ardência do amor e a doçura do sonho,
Ó sol, a cujo brilho estes versos componho,

Possa um dia minha alma, eflúvio de luz, chama,
Fundir-se no clarão que teu fulgor derrama...

Ó astro esplendoroso, ó pai da Natureza!
Pai da alegria, fonte eterna da Beleza!

QUANDO EU SONHAVA O AMOR

I

Quanta ilusão quando se sonha o Amor!
Que candor nessas almas namoradas
Que olham a vida, ingênuas, a supor
Que há só rosas ao longo das estradas...

A esperança é um fantasma enganador,
Tem a voz das sereias encantadas...
E as venturas sonhadas com fervor
Não são mais do que espumas irisadas...

Não pode dar o amor felicidade
Porque em si traz grande e cruel verdade -
A triste imperfeição do que é terreno...

Acaba... morre... mas no coração
Em que viveu, eternos ficarão
Os desenganos - seu fatal veneno...

II

Quando eu sonhava o amor e não o conhecia,
Ficava horas a fio, extática, enlevada...
Sem as aves ouvir, nem ver que a ramaria
O verde leque abria à luz do sol dourada...

Mas via um não sei quê na distância encantada,
Porque às vezes, sozinha, em silêncio, sorria:
Sorriso que lembrava uma alegre alvorada,
Quando eu sonhava o amor e não o conhecia...

Um dia ele chegou. Foi um deslumbramento
Que sobre mim passou como um clarão violento...
Depois... a solidão caiu sobre os caminhos...

O coração sangrava: eram cruéis espinhos...
O fel para matar-me a sede na jornada,
E nos braços do Amor me vi crucificada!

III

Quando eu sonhava o Amor, sem o sentir, sequer,
Às vezes consultava o porvir e à maneira
De oráculo, esfolhava a corola ligeira
E olente de uma flor - criancices de mulher...

As pétalas ao chão caíam... malmequer,
Bem-me-quer... E feliz, sorria à derradeira,
Quando desfeita a flor, mostrava alvissareira
Brilhando o sol do Amor, num céu de rosicler!

Que mentiam os malmequeres bem eu vejo...
Tem um sósia o Amor - é o trêfego desejo
Em cuja chama ardente as almas se consomem...

Irmãs, não vos queimeis à luz como as falenas,
O verdadeiro Amor é infinito e apenas
É impossível caber no coração de um homem!

CANÇÃO DE UMA TARDE CHUVOSA

*F*encher de aljofres o folhame quedo
Poalha a chuva... E leve, miudinha,
Soluça as mágoas como quem tem medo,
Numa linguagem que não se adivinha,
Batendo manso e manso no arvoredado.

Tac... tac... E leve, leve, bate assim...
E continhas de vidro o céu peneira...
A chuva canta como um tamborim,
A bater nas vidraças, na cimeira,
Numa cadência insípida, sem fim...

Tac... tac... Lá fora docemente soa...
Dos beirais descem fieiras de vidrilho...
O verde das folhagens açafroa,
Perdem os lírios mádidos o brilho
Dentro da gaze fina da garoa...

No plúmbeo céu nem uma nesga azul...
Fria lufada passa e a grenha ingente
Retratada nas águas do paul,
As árvores sacodem doidamente
Arrepiadas pelo vento sul.

E chove... chove... E cresce este meu mal,
Diante de tédio que a alma me fustiga,
Quando na tarde de palor mortal,
Fico a ouvir a tristíssima cantiga
Da chuva umedecendo o pinheiral...

Mas canta, chuva amiga, que o teu canto
É doce porque chora sobre os ramos...
Teu canto é de quem sofre... embala... ah! Quanto
É bom, quando sofremos e choramos
Achar quem adormeça o nosso pranto!

A encher de aljofres o folhame quedo
Poalha a chuva... E leve, miudinha,
Soluça mágoas como quem tem medo,
Numa linguagem que não se adivinha,
Batendo manso e manso no arvoredado...

RUYZINHO

Maio... Ressoam no ar as harmonias
Dos bronzes e das longas litanias...
Foi em maio... há um ano que partiste...
E este mesmo sino que risonho, agora,
Tange, na tarde em que foste embora
Soava num dobre compassado e triste.

Tudo revive com o dulçor do outono...
Só tu jamais te acordas desde sono...
Há um frescor de verduras orvalhadas,
Pelos campos de um lindo verde-gaio,
O mais suave azul no céu de maio,
Lírios se abrindo à beira das estradas...

Maio voltou florindo os matagais,
Só tu partiste para nunca mais!
Quando entardece para a ermida a pino
No alto do outeiro, vejo rumorosas
Ledas crianças carregando rosas...
E vazio o teu berço pequenino...

Quanta alegria!... O sino lembra um monge
Rezando a missa nova... E tu... ai! Longe...

Tudo vibrando alegre como um guizo...
E em meio deste rir que no ar espoca
Visse eu sorrindo a flor de tua boca
Que a terra me seria um paraíso!

Maio... cantam os sinos... não despertas!
As faces brancas, de livor cobertas,
Adormeceste lindo, um rubro manto
Recamado de estrelas cor de ouro,
Um diadema no cabelo louro
Entre círios e flores qual um santo!

Não tens saudade do teu doce lar,
Quando na terra tudo anda a cantar?
Dessa existência de horas passageiras
Que tiveste? Da casa onde era um fio
De música o teu leve balbucio,
E onde os lírios te olhavam das floreiras?

De quem te acalentava com carinho,
Quando o luar descia, cor de linho,
E estrelas de ouro lá no céu de braços,
Dormir te viam cheias de meiguice?
Daquela voz tão doce que te disse
O último adeus cortada de soluços?

Tudo revive com o dulçor do outono...
Só tu não deixas este longo sono...
Maio voltou florindo os matagais
E enquanto expira a tarde azul e pura,
De rosas cubro a tua sepultura,
Porque partiste para nunca mais!

MADRUGADA ALDEÃ

Sobre a montanha, divina,
Vem raiando a madrugada,
Lembra o céu que se ilumina,
Linda concha nacarada

A neblina é um véu de sonho
Que enlanguesce a natureza,
Sob esse manto tristonho
Surge ridente a devesa...

Dormem por entre o arvoredado
Em doce sossego as casas...
E o ribeirão rola a medo
As águas claras e rasas...

Começa adiante a cantar
Entre as pedras de um moinho
O mistério de um pesar
Desfeito em espumas de arminho.

Desses brejais que a luz doura
De lírios-de-águas repletos
Sobe a loa embaladora
Do cicizar dos insetos.

No bucolismo dos ares
Que doce paz!.... De repente
Das matas e dos pomares
Ergue-se um canto fremente.

Em cada fronde vivace
Chilra alegre um passarinho
É como se despertasse
A gente dentro de um ninho!

Na sinfonia das aves
Que no alto vibrando está,
Destacam-se, ternos, suaves,
Os bemóis de um sabiá.

De quando em quando clangora
Um galo aqui, outro além...
Que doce perfume agora
Traz a brisa, de cecém...

Aponta o sol no azul puro
E o quadro todo reluz
Em realces de claro-escuro
Às pinceladas da luz.

Num verde fino, lavado,
Todo o campestre irradia,
E o matagal orvalhado
Tem brilhos de ouro... Eis o dia!



Página de *Vida Capichaba* com o poema “Madrugada”
(na versão final em livro, “Madrugada aldeã”),
de Maria Antonieta Tatagiba, n. 62, 1926.

IDÍLIO

Na copa de uma acácia florescente
Que o sol no ocaso já não doura mais,
Dizem os passarinhos meigamente
Seus amores em leves madrigais.

Linda esta tarde! Adeja a travessura
Das borboletas pela selva em flor...
Festeja, ao longe, uma alegria pura
A dulcíssima frauta de um pastor.

Nuvens de prata esfiadas em frouxel
Boiam no céu azul... Brisas propícias
As rosas encarnadas do vergel,
Desfolham na subtis, ternas carícias...

E à sombra fresca e verde do arvoredado
Noivos da aldeia... Linda a namorada...
Ele ao pecado não resiste e a medo,
Beija-lhe a linda boca acerejada...

E tal a graça cândida, a meiguice,
Do idílio que ante mim se desvendou,
Que foi, como se a frente se me abrisse
Um precioso leque de Watteau!

SEMPRE LUSTROSA

Quando de tarde sigo estes caminhos,
O meu olhar, de súbito, se alegra
Vendo ao longe na mata de noruega,
Balançar tua fronde cor de rosa,
Vagarosa
Rede de flores a embalar os ninhos...

A alma de vegetal que mora
Em ti, sempre sorri à Vida...
És a graça do campo assim vestida
Da cor que simboliza o amor,
Da mesma cor
Da alegria, dos beijos e da aurora...

Vendo-te louçania se adivinha
Em ti a realeza destas veigas...
Nos montes onde viçam simples, meigas
As boninas azuis,
Abres, ativa, ao vento, ao sol, à luz,
O teu manto florido de rainha...

CROMO

Desfaz-se a neblina fria
Como fiapos de lã...
O céu de azul se atavia
Rompe límpida a manhã...

Lá na igrejinha louçã
O sino canta... alegria...
Na doce vida aldeã
Começa a faina do dia....

E no alto a boêmia lua
Que a noite inteira na rua
Espiou a serenata...

No níveo lençol de prata,
Das nuvens vai se enrolar,
Para dormir e sonhar!

JUNHO

Que lindo inverno, claro e tropical nos dá
Junho pleno de seiva, encharcado de sol,
Abrindo pela mata o sorriso lilá
Das labiatas à luz do mais róseo arrebol.

Um hálito de frio enche toda a atmosfera,
A transparência da água e a espessura dos soitos...
Nos ramos, que verdor! Uma outra primavera
Faz decerto cantar os pássaros afoitos.

O céu até além límpido e azul se estira...
Depois que bebe o sol a bruma matutina,
Parece que um zimbório imenso de safira
Nos verdes capitéis das serras se reclina...

Dentro dos cafezais onde os maduros frutos
Como gotas de sangue estremecem nos ramos,
Riem alegremente entre as folhas ocultos
Bandos de sabiás e ledos gaturamos.

E num doce sossego em seu verde recanto
De floridos vergéis a aldeia se deleita,
Ouvindo de manhã a alegria do canto
Dos colonos que ao sol, mourejam na colheita...

MANHÃ DE SOL

☉ primeiro fulgor, róseo do dia
Doura o oriente, porém, ainda flutua
Um resquício de treva fugidia
Na altura azul onde desmaia a lua.

Apaga-se no céu a pedraria
Dos astros ao clarão que se acentua...
Acordam logo os ninhos... e a alegria
Dos pássaros nos ares tumultua...

A floresta desperta num bocejo,
Sacode os ramos e ao primeiro beijo,
Da luz se agita, lúbrica e pagã...

Numa eclosão violenta de luxúria
Desde a raiz à fronde, à flor purpúrea,
Toda se expande ao sol desta manhã...

DIA NUBLADO

Agosto. Rubro, o sol, no plúmbeo céu
Parece enfermo de uma febre ardente...
E o fumo das queimadas qual um véu
Envolve a paisagem tristemente.

De quando em quando fulge um luaréu
Na lombada de um monte... Molemente
O rolo da fumaça dança ao léu
Na placidez pesada do ambiente.

Estranha angústia em tudo... E quando o dia
Morre, não traz um refrigério a treva,
É a mesma ânsia... a mesma letargia...

E pouco a pouco a lua no ar se eleva,
Vermelha, sem fulgor, como um balão,
Fugido de uma noite de S. João...

SOL E CHUVA

Chove... mas nada tão lindo
Como esta franja dourada
Que rebole ao sol, caindo,
Sobre a terra iluminada!

Qual se na chuva estrelada
Viessem os astros fugindo,
Na mata toda orvalhada
De luz - que fulgor infindo!

Cessa a chuva... refrescado,
O céu sorri mais contente
Lá no azul que recupera...

E corta-o um arco irisado
Aberto triunfalmente
À entrada da Primavera...

ÂNGELUS

- Negro sombreiro a noite já descerra...
Ave-maria!... Um sino salmodia...
De quebrada em quebrada: ave-maria!
Repete soluçando a alma da terra.

Sobre as várzeas em flor suave aroma erra...
Embalsamando essa hora fugidia,
De misticismo... sonho... nostalgia...
Em que a alegria, o coração desterra.

Tudo se aquieta... Há um ciclar de prece
Na voz do vento... O céu se abre em grinaldas
De astros e a papa-ceia resplandece...

A asa da treva, entanto, envolve os campos.
E em procissões de vivas esmeraldas
Bailam dentro da noite os pirilampos!

15 x 1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50. 51. 52. 53. 54. 55. 56. 57. 58. 59. 60. 61. 62. 63. 64. 65. 66. 67. 68. 69. 70. 71. 72. 73. 74. 75. 76. 77. 78. 79. 80. 81. 82. 83. 84. 85. 86. 87. 88. 89. 90. 91. 92. 93. 94. 95. 96. 97. 98. 99. 100.

VIDA CAPICHABA — 31

Angelus

*Negre sombreiro a noite já descerra...
Ave-maria!... É o sino que a anuncia
Plange... De valem em valle: ave-maria!
Repote, zoluçando, a alma da terra...*

*Sobre as varzeas em flor suave aroma erra,
Embalçando esta hora fugidia
De mysticismo... sonho... nostalgia...
Em que a alegria o coração desterra...*

*Touo se aquela... No um ciclar de prece
Na voz do vento... O céu se abre em grinaldas
De astros e a papa celez rasplandece...*

*A asa da treva, entanto, envolve os campos...
E em precissões de vivas esmeraldas
Bailam, dentro da noite, os pyrilampes!...*

MARIA ANTONIETA TATAGIBA

PELO INTERIO



Largo de S. Benedicto, na bella cidade de S. Mateus, no norte do Estado.

Página de *Vida Capichaba* com o poema “Ângelus”,
de Maria Antonieta Tatagiba, n. 84, 1927.

LUA DOS TRISTES

Ó lua, ó pálida cativa
Destes azuis castelos de ar,
Que é que te faz tão pensativa,
Lua, no céu assim cismar?

Teu disco no alto já flutua
E vais subindo mais... subindo...
Que é que procuras, doce lua,
Pela amplidão do céu infindo?

Segues tão só, sem companhia...
Não tens amor - bem o adivinho -
Por isso és branca assim e fria
Lua viúva de carinho....

Buscas talvez um amavio
No ignoto fim que te conduz
És feiticeira... que doentio,
Que estranho filtro em tua luz!

É fumo de ópio que derramas
Nesse palor que tudo acalma...
Mas essas brancas, frias chamas,
Que desvarios geram na alma!

Tudo adormece ao teu clarão,
Da noite irmã, dona do céu,
Quando flutua na amplidão,
A luz do luar - teu claro véu...

Que fluido é esse com que banhas
De poesia, sonho, encantos,
A aldeia, os vales, as montanhas,
- Âmbula cheia de quebrantos?

É gelo em pó que o luar semeia
Murmura a flor entorpecida...
- Eu amo o sol, ó lua cheia,
Porque és assim fria, sem vida?

E antes que a rósea aurora aponte
Caminha a lua de cristal...
Caminha... e some no horizonte
Mas a ninguém diz o seu mal...

E sem que eu mais no céu aviste
Envolta em nuvens de cetim
Essa visão da lua triste,
É sem querer que penso em mim!

CIGARRAS

Setembro vai no fim... Entre as verdes balceiras
 Numa canção suave e linda
 As cigarras alvissareiras
Anunciam - soltando a voz à altura infinda -
À fonte, à brisa, à mata: A primavera é vinda!

Setembro vai no fim... E a chuva que a messe
 Regou, no inverno sem cessar,
 Lavou o céu que ora parece
Um manto úmido e azul estendido no ar,
Aberto à flava luz do sol para secar...

Exala-se da terra um hálito tão fresco!
 A rama do vergel, viçosa,
 É um vivo, móbil arabesco
Que a brisa com sutis carícias de amorosa
Oscula, derramando um perfume de rosa...

Chegou a primavera. E começa a canção
 Das cigarras na ramaria...
 E durante todo o verão
Esse canto suave ungido de poesia
Enche os campos em flor desde o romper do dia...

E enquanto fulge o sol com brilhos de ouro novo
 No céu translúcido, lavado,
E em cada haste brota um renovo
E cobre todo o solo um tapiz matizado,
E abrem o róseo olhar os trevos no valado,

Elas gorjeiam sempre - eternas sonhadoras...
 Sob a celestial umbela
 Recorda o choro das mandoras
O hino que sua voz doce desenovela...
E vai assim fugindo a estação mais bela...

Como vós, que cantais ao sol canicular
 Cigarras, num tom suave, brando,
 Também canto para enganar
A Vida que assim vai, esquecida, passando:
- Rio, em cujo seio - eu - gota, vou rolando...

REVOLTA

Hei de esmagar-te, altivo coração,
Tigre que ruge dentro do meu peito,
Nesta sede de amor e de paixão
Em que se mostra sempre insatisfeito.

Há de vencer-te a voz da sã razão
Que te modera o ardor e a teu despeito
Faz-me ver que no mundo tudo é vão,
Que o prazer, qual a dor, é sem proveito...

Porque afinal, ó coração sedento,
Para que servem tuas vãs ternuras
Se não terás o Amor que tu procuras?

Sinto-te em mim qual um pesado fardo,
Uma flor espinhosa como o cardo...
Urna onde mora o mal que é meu tormento...

ORGULHO

*N*ão sei se és um pecado que me ilude,
Fazendo-me seguir de frente erguida,
Mas penso que tu és minha virtude,
Meu escudo, entre os males desta vida...

Orgulho de beleza, juventude,
De fausto ou de uma glória fementida?
Oh! Não, pois nada disso me delude...
Cousas que o tempo leva de vencida...

Sabeis do que me ufano? É da minha alma,
Que aos prazeres do mal, pisando escolhos,
Prefere sempre o bem, piedosa e calma...

Alma que é um sol radioso no meu ser,
Porque na luz dorida dos meus olhos,
É um reflexo de Deus a resplender!

DOR SILENTE

Tem a expressão tranquila e mesta de um sol posto
Sobre um vale onde plange o sino da saudade,
Esta tristeza atroz que me anuvia o rosto
E que todo o meu ser tão fundamental invade.

É triste o meu olhar como este céu de agosto
Enevoadado a exprimir uma vaga ansiedade...
Nas pálpebras me pesa o chumbo de um desgosto
Profundo, sob um véu de vã serenidade...

Dentro em mim é gelada e escura a atmosfera
Nem prazeres nem luz neste tormento eterno,
Em que somente a mágoa é que em minha alma impera...

Em meus lábios, entanto, um sorriso persiste,
Como um raio de sol, descorado de inverno,
Tentando iluminar uma paisagem triste!

CETICISMO

*J*á não creio no Amor... Qual um vergel queimado
Pela ardência do sol, secou meu coração...
Mas o pranto do céu fará virente o prado
E ai de mim! Não terei o orvalho da ilusão!

Mas quanta vez, ah! Quanta! Um pranto agoniado
Dos meus olhos correu ... quantas chorei em vão!
Sentindo-me morrer... e escutando a meu lado
A vida a gorjear a perpétua canção...

Depois veio a descrença ingente e dolorosa
É que bebi dessa água eterna da Verdade
Mais amarga que um pranto amargo de mulher.

E em meu seio esfolhou-se o amor qual uma rosa,
Deixando o desencanto, esse rir de piedade,
De tudo e de mim mesma - o riso de Voltaire!

EXALTAÇÃO DE DOENTE

*R*oxa de mágoas morre a tarde lentamente
Entre suspiros e ais...
E a alma da natureza, entristecida, sente
A tortura do adeus de quem não volta mais...

Que voz é essa que vai morrendo na devesa
E o coração nos fere?
É o canto da cigarra ou a voz da Tristeza
Rezando devagar um longo miserere?

Ah! Nessa hora em que a luz nos espaços sidéreos
Desmaia de agonia...
Em que tudo ressumbra arcanos e mistérios
Que triste é a solidão... sentir a alma vazia!

Quero esquecer oh! Sim, que em ti não creio, Amor,
Esquecer-me de tudo...
Para que sejas só, meu dono, meu senhor,
Feiticeiro de olhar macio de veludo...

Vem... já não sei se estou só... se a noite é que nasce
Ou o dia que morre...
Mas pouco importa a vida... a morte... a branca face
Da lua que entre a rama a fria luz escorre...

Que importa o canto acerbo da cigarra triste
Que chora no mangal?
Que importa a noite, a treva, o silêncio... se existe
Fulgindo dentro em mim o teu sol estival?

Meu amor, vem sentar-te aqui, junto de mim...
Mais do que a essência vaga,
Dormente, que ao redor trescala o alvo jasmim,
Do teu cabelo o aroma ardente me embriaga...

Já me havia esquecido - oh! Triste esquecimento -
Desse instante feliz,
Feito de sonho azul, de luz, de encantamento,
Em que o silêncio fala o que a boca não diz...

Que doce a solidão, tendo-se o Amor, ao lado,
Que bom estarmos sós...
A terra toda em flor, o céu todo estrelado
E entre o céu e a terra unicamente nós...

Que suave langor em meus nervos se aninha!
Talvez seja... talvez...
A carícia febril de tua mão na minha,
Que nos faça sonhar na mesma embriaguez...

Creio que tudo dorme... a lua no alto, a brisa
Dos bosques nos refolhos...
O teu carinho, Amor, também me narcotiza,
E teus beijos sutis fecham enfim meus olhos!...

Que importa que não creia em ti! Quero o teu riso...
Pesa-me a solidão!
Mais tarde... pensarei que tive o paraíso
No sonho de uma noite ardente de verão!

BALADA AZUL

Ólbra no ar desta sossegada
Manhã, enchendo-me o aposento
O lindo som desta balada
Que anda a vagar na asa do vento...
Tão doce voz, tão magoada
Faz-me sonhar, faz-me supor
Que uma sereia enamorada
Ao longe, canta a ária do amor...

Sobre a água verde debruçada
Com seu cantar tão doce e lento
A lavadeira apaixonada
Embala o rio sonolento...
E é tão suave a sua toada,
Que na devesa aberta em flor,
Cala-se, atenta, a passarada
Para a canção lhe ouvir, de amor...

A própria mata, extasiada,
Queda-se imóvel um momento,
Para escutar a voz de fada
Que enche a manhã de encantamento...
Ó lavadeira enamorada,

Quisera ter o teu candor,
E de ilusões toda bordada
Esta canção cantar, de amor...

Mal sabes quanto é torturada
A Vida e amargo o seu travor,
Que o coração - flor delicada,
De tanto amar, morre de amor!

MIRAGENS

- *No* deserto. Arde o Sol num céu brônzeo, candente.
A vastidão é um mar de areia esbraseada...
Nem uma fronde. O ar queima. E segue, lentamente,
A caravana para uma curva afastada.

Da miragem o encanto exsurge de repente:
Ao longe, uma Istambul em jaspe cinzelada...
Caminha a caravana... E a lua já nascente,
Diante dela o deserto, o deserto mais nada!

Essa miragem trega, és tu, Felicidade!
Visão que não se alcança e todo o bem encerra
Que sonhamos gozar em nossa ingenuidade...

Pairas sempre distante, intangível, êxul,
Mas deixas, por consolo, entre os homens na terra,
A risonha Esperança - a tua sombra azul!



Página de *Vida Capichaba* com o poema “Miragens”,
de Maria Antonieta Tatagiba, n. 59, 1925.

IGREJA CAMPESINA

Pequena a Igreja, sem ornatos vãos,
Mas como esta pobreza se combina
À suave humildade dos cristãos!

E assim branca, singela e pequenina
Ressumbra a mais suave poesia:
Uma tristeza mística, divina,

Cuja doçura as almas alivia...
A Dor mais viva e atroz logo adormece
Ante este olhar tão santo de Maria...

Nesta paz que convida à cisma e à prece
Como a gente se sente bem - tão bem,
Que a própria vida o coração esquece...

As harmonias do órgão que retém
Nosso ouvido, nos fica a acalantar...
E este aroma de incenso e de cecém

Que nos fala do céu, nos faz sonhar...
Belos lírios de alvura imaculada
E boninas do campo aos pés do altar...

A lâmpada de prata aurilavrada
Ante o Sacrário envolto em denso véu,
Cintila qual estrela abençoada...

E a gente pensa, ao ver lá fora, ao léu
As pombas dos beirais, em revoada,
Em almas brancas voando para o céu!

AGONIA DAS ROSAS

- *D*ensa neblina encobre o riso azul do céu
Com um álgido sopro o vento sem alarde,
Passa pelo jardim e retalhando o véu
Da bruma, pôs-se a encher de felpas esta tarde,
Que cai morta de *spleen* do sudário do céu...

Creio feitas de espuma ou de frocos de neve
Estas rosas assim descoradas de frio...
Débeis flores que estão tremendo no ar, de leve,
Com saudades do sol, da ardentia do estio,
Níveas rosas irmãs do alabastro e da neve...

Prepara o inverno um leito imenso de noivado,
De arminho e penas, fofo, acetinado, albente...
Mas ao dulçor letal do seu beijo gelado
As pobres noivas são tombando tristemente,
Frias, sem vida, sobre o leito de noivado...

Em coxins de frouxel vão-se finando as rosas...
Caem pétalas - uma a uma - alvas e langues,
Mata-as o frio... e assim como as tuberculosas
Vão morrendo a sonhar, brancas, brancas exangues,
Num desmaio de amor, as deslumbrantes rosas...

Vão morrendo a sonhar... agonia de poetas
Que embora o olhar já morto ainda murmuram versos...
Um sussurro perpassa entre as aleias quietas:
São endechas talvez, são cânticos emersos
Dessas almas de flor que morrem como os poetas.

E eu vou morrer dizendo - ah! Tenho esta ilusão...
Estes poemas de amor, de ternura pagã.
Que sinto dentro em mim e a ninguém disse, oh! Não!

Porque é a ventura, eu sei: flor de uma só manhã,
E tu - meu grande Amor - somente uma ilusão!

BALADA TRISTE

Dejo cair a chuva neste fim de outono.
Num longo choro as folhas contam sua mágoa...
E em cousas tristes penso - os olhos rasos de água:
Um desengano... uma saudade... um abandono...

O tédio entorna agora um hálito de sono
Na languidez da tarde toda dor e frágua...
E faz-me triste assim - os olhos rasos de água
Talvez pensando... uma saudade... um abandono...

A sombra escorre do arvoredado quedo e prono...
A noite cresce... Solidão... Tristeza... A mágoa
Do desengano... da saudade... do abandono...
Que suavemente vem-me encher os olhos de água,
Dói muito mais, num dia assim, num fim de outono!

O CARRO DE BOIS

*A*crua luz de um céu de fevereiro
Num ruído seco pela estrada afora.
Segue o carro de bois... Purpúrea aurora
Tinge o campo e a figura do carreiro...

Vazio como está, corre ligeiro...
Num ruído seco pela estrada afora,
Rumo do vasto milharal que arvora
Espigas de ouro sob o nevoeiro...

De volta, carregado, vem moroso,
Cantando ao louro sol num grande gozo,
A farta messe desse São-Miguel...

A alegria que sente não encobre,
Porque terá fartura o lar do pobre,
De vinho do ribeiro, pão e mel!

A UMA ÁRVORE

Todos os anos nesta quadra, vejo
Abrir-se tua fronde em flores mil,
E à áurea trama da luz, num leve arquejo,
Linda, palpitas sob o céu de anil.

O teu rubro frescor atrai o beijo
Da abelha e da libélula gazil...
E em tua rama um eternal festejo
De amor, sorri, por entre os sóis de abril.

E enquanto moves, langue, à aragem calma,
Num gesto de faceira, a ramaria,
Eu penso cheia de melancolia,

Ó árvore, que tens a primavera,
Assim, todos os anos, quem me dera
De novas ilusões vestir minha alma!

O RIBEIRÃO

No verdor da paisagem qual um trilho
De prata luzidia,
Desliza o ribeirão que noite e dia
Canta o mesmo estribilho

A rolar, sem descanso as águas puras,
Através destes montes de verduras

Mas em caminho, às vezes, encontrando
Uma verde campina,
Num liso espelho alarga a face fina,
E dorme enquanto o bando

Dos sonolentos bois vagam em torno,
Nas pastagens queimadas do bochoforno...

Quer nos dias de forte veranico,
Ou de azul primavera
Os rebanhos tranquilos abebera,
E o voo do maçarico

Retrata ou da garça que de tarde
Na ribanceira espia o poente que arde

O bando grasnador das irerês
Quando as caniculares
Horas do estio chegam, deixa os ares,
E à sombra dos ipês.

Vem no frescor de suas águas rasas,
Molhar as penas, refrescar as asas...

Nas noites em que a lua desenrola
No espaço o álgido lume,
O ribeirão num módulo queixume
Acompanha a viola

Em que descanta o amor bravio o enguiço,
Nos terreiros das choças o mestiço...

De manhã, quando têm da alva o frescor
As águas de turquesa,
Busca as margens do riacho a camponesa
Sadia, carne em flor...

É o momento do banho matinal,
As aves cantam pelo matagal...

E uma ninfa aparece entre o arvoredor
Em um doce abandono,
Nua e rósea do calor do sono...
Mas espiando com medo

Entre os cipós, vai ocultar, medrosa,
No seio da água as formas cor de rosa...

E o ribeirão lá segue sem nenhuma
Detença... e desbarata

Estorvos despenhando-se em cascata,
A abrir flores de espuma,

Em que fuzilam arcos furta-cores
Sob os raios do sol, abrasadores...

E eterno viajor pelos caminhos
Faz mover as moendas
Dos antigos engenhos das fazendas,
Gira velhos moinhos,

E depois qual humilde, estreito fio
Vai morrer na corrente de outro rio...

À BEIRA DA MATA

Que suave frescor

Nesta relva tão fina... e quanto é doce
A sombra desta rama... e estas amoras
Nos galhos ainda em flor...
E este céu qual se fosse
De tão azul, pintado há poucas horas...

Somente o guizo de ouro
Dos insetos, tinindo de alegria
Na orla fresca do bosque se desata...
O sol tépido e louro
Furando a ramaria,
Cobre o chão de arabescos cor de prata...

Esse ruído de prece
Acompanha o rumor de leve escala
Na garganta da rola arisca e lesta...
Dum ninho que estremece,
Duma ave que tatala
A asa, na sombra verde da floresta...

Pendem entre as ramadas
Cardos rubros do sangue deste outono,

Áureos maracujás cujo frescor
Entre as folhas molhadas
Lembra mato sem dono,
Terra seivosa, de rincão em flor...

Quase que não se agita
A fonte e tanta calma aqui se espelha,
Que ela dorme por fim entre a verdura...
No alto, uma parasita
Canta uma ária vermelha
No sorriso do sol que a transfigura

Suave alegria emana
Do matagal que bole a espessa frança
Estuando de rica clorofila...
Doce cheiro de cana
Pela agreste retrança
A viração que vem de longe instila...

E aqui fico horas longas,
Sentindo a unção que a Natureza entorna
Em mim, até que me desperte, rente,
A voz das arapongas,
Martelando a bigorna
Da tarde, toda em fogo, no poente...

SUAVE CANTIGA

A árias de minha avena
Pelas tardes sossegadas,
Nas asas da aura serena,
Falam por entre as ramadas:

“Diz velha sabedoria
Que o homem nasce para a Dor,
Tudo o mais só dura um dia,
Como a existência da flor.

Tão miúda a Felicidade
É, que a não podemos ver...
Fiapos da realidade,
Que se goza sem saber...

Pelos mistérios da Vida
Que a mão de Deus ocultou,
Consome-se em triste lida,
O homem que Deus criou.

Leva a vida simples, bela:
O amor, o trabalho, a paz...
É sempre a flor mais singela
A que mais aromas traz...

Da Natureza, pois torna
O que te dá generosa:
Do fruto o sabor, o aroma
E a formosura da rosa.

Goza a esplêndida visão
Da terra que além se perde...
Vê como é belo ao clarão
Do sol, o mar calmo e verde...

Transforma num sonho brando,
O teu riso... o teu pesar...
Segue para o fim cantando
Como a fonte para o mar..."

Minha frauta nestas plagas,
À hora em que a tarde declina,
Diz cousas suaves e vagas,
Como a fronte cristalina...



TRANSCRIÇÃO DA “PÁGINA CONFIDENCIAL” DE MARIA ANTONIETA TATAGIBA

A exemplo do que se pratica nos centros da mais requintada civilização espiritual, também queremos conceder às nossas ilustres compatriças - cuja cultura literária ou artística constitui formoso penhor da estima e acatamento, que todos lhes rendemos - o ensejo de nos demonstrarem, em admiráveis sínteses, claras e incisivas, as fulgurações de suas inteligências e os rumos principais de seus temperamentos.

Para isso organizamos o seguinte inquérito, que já logrou lisonjeira aceitação das nossas gentis leitoras, a quem o cultivo das letras causa a maior e mais vibrante alegria.

Iniciamos a publicação desta página com as respostas que deu ao nosso questionário a notável e esmerada escritora Maria Antonieta Tatagiba, cujos versos impecáveis, mais de uma vez, têm realçado as páginas deste periódico, revelando-a insigne sacerdotisa nos mis-

térios eleusinos da poética, que, na sua lira, é escrava favorita da arte e da beleza.

A enquete do número próximo será respondida pela nossa distinta conterrânea, senhora Guilly Furtado Bandeira, cuja pena, ativa e emancipada, tem o segredo das frases surpreendentes, que espelham a verdade, numa repulsa hostil a todos os convencionalismos, com que a hipocrisia humana não se farta de mascarar, incessantemente.

Em seguida, esperamos que outras figuras singulares do nosso intelectualismo feminino ilustrarão esta página - que envolve alta homenagem à Mulher espírito-santense, representada, literariamente, pelas suas figuras de eleição.

Questionário

Qual o traço predominante do meu caráter?

A franqueza: exponho sempre com sinceridade o que sinto e penso; por isso não possuo a maleabilidade de gênio necessária para agradar, na sociedade. O trato social exige dissimulações de que sou incapaz.

Que mais me desagrada?

Não poder viajar em busca de novas fontes de cultura para o meu espírito.

Qual o divertimento que mais me atrai? E o esporte de minha predileção?

Sou pouco inclinada a divertimentos e a esportes.

Qual o meu principal defeito?

O retraimento.

Qual o erro que merece a minha indulgência?

Errar é dos homens... e o gesto do perdão é sempre nobre.

Que penso do flirt?

Efêmero, tendo a duração de uma rosa, passando sem deixar um perfume de saudade, só poderá agradar às índoles levianas.

Que penso da sociedade?

Que, sob novas roupagens, conserva a alma dos velhos tempos - é a mesma que condenou João Valjean pelo roubo de um pão e viu impassível a miséria de Camões - severa para os humildes, indiferente para os que se elevam pelos próprios méritos, pródiga de lisonjas para os abastados e poderosos.

Que qualidades prefiro no homem?

A firmeza de caráter, aliada ao cultivo do espírito.

Que virtudes louvo na mulher?

O amor ao trabalho e a coragem para vencer nas lides da vida.

Qual o tipo masculino que prefiro?

O físico pouco importa; prefiro os homens de talento e de cultura.

Que penso do casamento?

É a união grave dos dois sexos, cheia de pesados encargos, é certo, mas iluminada pelas mais risonhas e puras felicidades. Mas para isso é indispensável que se assente sobre sólidas bases: amor verdadeiro, o mesmo nível de educação, harmonia de ideias e sentimentos. É desses consórcios que nascem os lares perfeitos. Mme. Staël achou, certamente, em um lar assim, o segredo de uma glória cheia de venturas.

Que digo da moda? Merecem-me simpatias os cabelos cortados?

Acho que a moda, sendo a principal ocupação e preocupação de muitas cabeças frívolas, só cuidadas por fora, constitui o maior entrave à boa marcha do progresso feminino. Coloca a mulher num plano inferior - de que os homens sabem tirar partido, incensando-lhe a vaidade; transforma-a em boneca de salão, admirada talvez pela beleza, mas dando motivo a que se justifique o conceito: "Tão boa que para nada presta". Para não ser prejudicial, a moda deve ser seguida sem exageros.

Quanto ao uso dos cabelos cortados, acho-o cômodo e elegante, muito condizente com as conquistas do nosso sexo: nos tempos presentes, em que milhares de mulheres proveem o sustento com trabalho próprio, justo é que não possam perder, compondo penteados, diante de um espelho, um tempo, que lhes é tão precioso. É despropositada a razão por que lhes fazem os homens tamanha guerra.

Como defino o pudor?

É a manifestação da delicadeza dos sentimentos: é irmão da virtude e como que o perfume da dignidade da mulher.

Qual a minha opinião sobre o feminismo?

Nos dias que correm, quando o feminismo está prestes a triunfar, a mulher por efeito de uma educação mais apurada, transformou-se: não é mais a suave e humilde criatura, cujo horizonte social se limitava ao estreito âmbito da família, suportando pela vida afora, com resignação evangélica, as brutalidades do homem grosseiro e mal, que o destino lhe desse por companheiro. Este, abusando de sua força, fazia da mulher, escrava, serva, instrumento de seus caprichos e prazeres. Hoje, lutando ao lado do homem, aparelhada como ele para enfrentar e vencer as dificuldades da vida, cônica dos seus direitos, a independência do espírito garantida pelo próprio labor, ela não poderá sofrer, como até então, o homem - egoísta, sensual, infiel, dominador - defeitos que constituem a essência de sua natureza, por um atavismo de séculos. Daí o ódio ou o temor de muitos pelos progressos do feminismo. Dizem estes, em frases cheias de mel, coisas, na verdade belas, mas sem efeito na vida real: "A mulher é o manancial de nossa felicidade, é uma criatura quase divina, que não deve viver a não ser no ambiente puro da família, é um anjo, é uma deusa, é o sol de nossa vida". Tudo isso seria muito belo, agradaria à fantasia, entusiasmaria as almas sentimentais, mas não melhoraria a situação

da mulher na sociedade: - pobre criatura, outrora presa aos mais humildes, obscuros e penosos trabalhos, enquanto o marido, livremente, distraía a monotonia do viver em comum lá por fora, nos clubes, em busca de prazeres e diversões. Seria preciso que, no íntimo da mulher, a Mãe vencesse a Esposa e ela abdicasse o seu direito à felicidade e às alegrias da existência. Mas as mulheres, nem todas, poderiam sentir disposições para ser santificadas no martirológio do sexo e, como consequência de sua revanche, o feminismo surgiu, progrediu e triunfou.

O sexo frágil tem se revelado inteiramente capaz em todos os ramos da atividade humana, apesar de sua decantada fraqueza física.

O homem não deve, pois, recear o feminismo, porque ele terá a seu lado uma companheira culta, digna, capaz de compreendê-lo e substituí-lo nas necessidades prementes da vida; no casamento haverá maiores probabilidades de venturas, por efeito de uma estreita comunhão de ideias e sentimentos e dos modernos ménages irradiará uma felicidade mais perfeita. Deixem que as mulheres lutem e trabalhem; nem todas se casam, nem todas possuem um ar, nem todas se acham ao abrigo das necessidades: - a essas que proveem a subsistência com a afanosa atividade do seu espírito ou com o labor das próprias mãos, o nosso carinho e o nosso respeito, porque enobrecem o sexo, exalçam as virtudes e elevam a dignidade da mulher.

Que penso sobre a amizade? Que conceito faço do amor?

Sobre a amizade, como manifestação de cordialidade entre as pessoas de nossas relações, é um sentimento tão pálido, que dispensa uma definição; quanto ao último, vejo-o por um prisma diverso do comum - para mim o verdadeiro amor é o que emana do espírito, puro e sereno como a luz de uma estrela, dignificado por um ideal de arte ou de poesia.

Quais os meus prosadores mais queridos?

Todos os bons escritores, ao acaso: Pierre Loti, George Sand, Anatole France, Victor Hugo, Zola, Tolstói, Dostoiévski, Herculano - brasileiros: Machado de Assis e Euclides da Cunha.

Os poetas da minha preferência?

Bilac e o doce poeta do “Pequenino morto”, a quem dediquei este soneto:

A Vicente de Carvalho

Pulsa a vida na música divina
De tua doce lira; um sol fulgente
A flor azul dos sonhos ilumina
Em tua estrofe harmoniosa e quente.

Como o murmúrio da água cristalina
Sob o arvored, numa tarde ardente,
O teu veio de poeta que refina
O ouro da perfeição - seduz a gente!

Nas notas de cristal de tua avena
Arde a centelha fulva da paixão,
Geme a saudade, numa dor serena...

E nos módulos sons de prata abrolham

Harmonias, que vêm do coração:

- Versos, versos de amor que se desfolham...

Qual o meu ideal de felicidade?

Uma ventura plácida e pura, partilhada por duas almas, à sombra da qual os dias da existência deslizem suavemente...

Quais as cores de minha maior simpatia? E as flores que prefiro?

Gosto das cores fortes, dos tons vivos e brilhantes - Os lírios e as rosas.

Que penso da música?

Admiro-a como a todas as outras artes, tanto mais, pelo seu forte poder de inspiração; o meu espírito, porém, é mais sensível à influência da pintura: fere o coração mais profundamente o silencioso encanto de um formoso painel - acho que os pintores são os verdadeiros intérpretes da poesia da Natureza.

Aprecio a dança? E o cinema?

Às vezes.

Qual o animal da minha maior estima?

Dentre os animais o que julgo digno de maior estima, é... o homem - não reúne ele em si as qualidades e os instintos dos outros? Desde a força do leão à falsa doçura da serpente, que iludiu a pobre Eva...

Qual a minha ocupação favorita?

Ler.

Qual a época em que desejaria ter vivido?
Na atual ou em... 1980.

Que digo das crianças?
Falando sobre as crianças, cantam-me aos
ouvidos os versos de ouro, de Victor Hugo:

Lorsque l'enfant paraît, le cercle de famille
[...]
De jamais voir, Seigneur ! L'été sans fleurs vermeilles,
La cage sans oiseaux, la ruche sans abeilles,
La maison sans enfants!

Que penso do ciúme?
Que não deve existir em uma afeição verdadeira.

Quais os meus heróis favoritos?
Não os tenho.

*Quais os vultos da história que mais detesto? E
os que mais admiro?*

Detesto os tiranos; admiro os benfeitores da
humanidade e todos aqueles que iluminaram
com a centelha do gênio as letras, artes e
ciências.

*Qual prefiro: a formosa sem graça ou a feia
graciosa?*

Prefiro a feia, ou antes... o feio espirituoso.

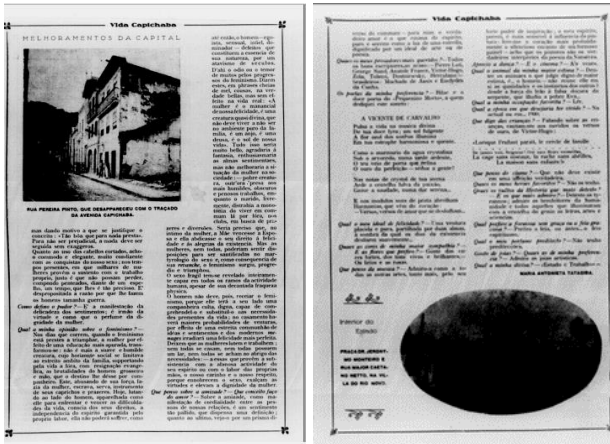
Qual o meu perfume predileto?
Não tenho predileções.

Gosto de joias? Quais as de minha preferência?
Admiro as joias artísticas.

Qual a minha divisa?
“Estudo e trabalho”.

Maria Antonieta Tatagiba.



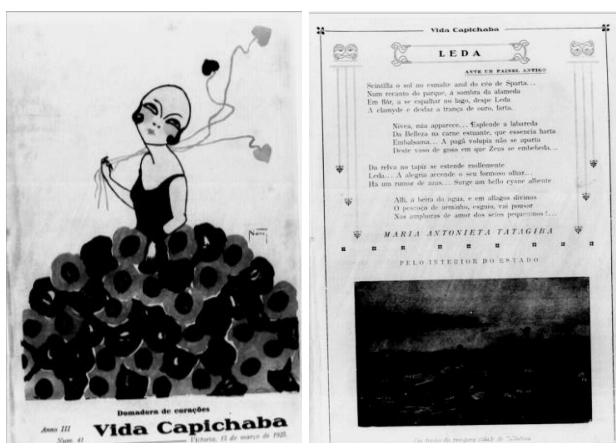


Capa e páginas de *Vida Capichaba* (n. 49, 1925) com as respostas de Maria Antonieta Tatagiba ao questionário da coluna “Página confidencial”.



Fruta agreste

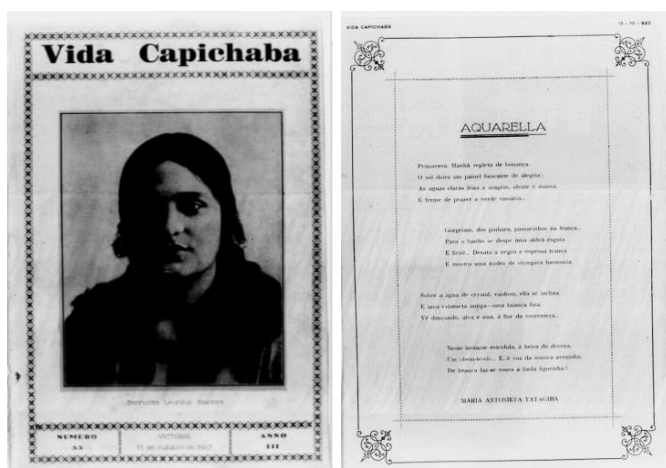
OUTROS FAC-SÍMILES



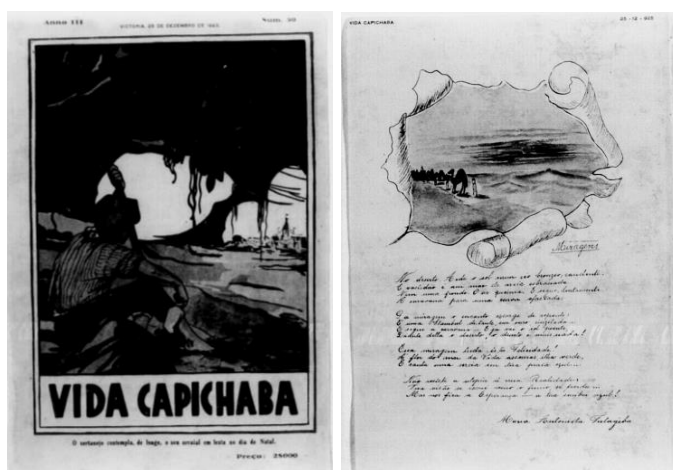
Capa e página de *Vida Capichaba* com o poema “Leda”, de Maria Antonieta Tatagiba (n. 41, 1925).



Capa e página de *Vida Capichaba* com o poema “Vittoria Colonna”, de Maria Antonieta Tatagiba (n. 43, 1925).



Capa e página de *Vida Capichaba* com o poema “Aquarella”, de Maria Antonieta Tatagiba (n. 55, 1925).



Capa e página de *Vida Capichaba* com o poema “Miragens”, de Maria Antonieta Tatagiba (n. 59, 1925).



Capa e página de *Vida Capichaba* com a biografia e o poema “Madrugada”, de Maria Antonieta Tatagiba (n. 62, 1926).



Capa e página de *Vida Capichaba* com o poema “Angelus”, de Maria Antonieta Tatagiba (n. 84, 1927).



Capa e página de *Vida Capichaba* (n. 92, 1927) com um artigo de Jairo Le[ão] a respeito de *Frauta agreste*, de Maria Antonieta Tatagiba.

in memoriam

Com a devida venia, trasladamos para as nossas páginas as duas crônicas, cheias de carinhosa saudade e aflicta admiração, com que, no Rio de Janeiro, pelas columnas do *Journal do Brasil* e do *Journal*, respectivamente, a eterna sra. Maria Eugénia Celso, figura de singular e destacado relevo nas letras brasileiras e nossa colaboradora honorária, e o brilhante Mendes Fradique, que outro não é senão o distinto capicaba nato, dr. Maderia de Freitas, se referiram ao prematuro passamento da insigne poetisa, espírito santense Maria Antonieta Tatagiba, a autora gloriosa de *Frauta Agreste* e de uma grande quantidade de versos magníficos, que embellezam e valorizam muitas de nossas páginas.

Essas duas crônicas preciosas, que valem pela mais eloquente homenagem ao mérito intelectual da inditosa extinta, tão cedo arrancadas às venturas de seu lar, e aos triumphos de seu estro:

FEMINA...

Era uma destas amigas desconhecidas, uma destas longínquas almas irmãs que — suprema recompensa dos que escrevem! — meus versos me haviam valido. Um dia mandou-me seu livro. Vinha de S. Pedro de Itabapoana, um rincão do Espírito Santo, que se me afigurava distante, distante, e trazia como epigrama estrophes, que eram minhas.

*Levas nas mãos imperiosas,
Sem que o suspêto siqueir,
A mans rubra dentro as rosas
Um coração de mulher...*

A sombra de uma emoção atravessou-me. Maria Antonieta Tatagiba... E embalada pela música tão fresca e tão suave desta *Frauta agreste*, onde num pantheismo puro uma vibrante sensibilidade de artista canoricamente se expandia, fui encontrando, a cada poema, a cada verso, desabrochada em rimas e imagens, aquella rubra rosa sensitiva, que o lyricismo de meus vinte

anos tão inquietamente havia sentido palpitar.

Sim, era um coração de mulher que ali estava, um coração de mulher crystalizado na sua mais alta e mais prolixa expressão — a poesia.

Frauta agreste fez-me conhecer e applaudir a poetisa. Ignorava tudo da mulher. O folheio occasional de uma revista de Victoria, esta *Vida Capicaba*, que não destoaria, pelo apuro de sua letura e interesse da sua colaboração, no conjunto dos hebdomadários da capital, poz-me certa vez debaixo dos olhos a photographia de Maria Antonieta Tatagiba.

Era moça, era bonita. Uns grandes olhos intelligentes, que eu imaginei, pretos para serem mais brasileiros, onde se diria passar uma revoadada de sonhos... Aquelles olhos encontraram-me. A minha sympathia pela minha afastada amiga ainda augmentou. Não me permitiram, porém, os affazeres estreitar correspondência.

Ha dias, um novo numero da *Vida Capicaba* trouxe-me, com umas palavras de offerecimento, uma nova poesia — *Morrer moça*. A melancolia do thema foi naturalmente attribuida ao romantismo da inspiração.

Mais uma estrophe:

*Morrer moça... E assim que
[ou morrer]...
E a bocca que, fremente,
Beijaste em horas de Paixão e
[Sonho,
Num tumulto tristonho
Brevê irá se occultar no floger
Do verão mais fulgente]*

fez-me inexplicavelmente estremecer. Havia ali um som de realidade, uma vibração de sentimento, tão verdadeiro, que impressionava. O commentario da redacção a poesia confirmou esta impressão. Maria Antonieta Tatagiba, poetisa, moça, bonita, esposa e mãe estremeçada *«fora surprehendida pela doceza imensa, de sua mocidade, de seu talento, de sua belleza, de seu talento, fazendo votos para que os presentimentos funestos, de-*

vidos á molestia, em breve se desvanecessem na alegria triumphal da cura.

Estes votos filiaes eu, num impeto avoreçado de compaixão, mais longamente da minha sympathia e do meu enternecimento quando, um te morreu.

Frauta agreste, Maria Antonieta Tatagiba, e, no brusco aperto de coração, que me commoveu de lagrimas os olhos sem sentir, eu lhe queria bem, da arte e no, paz sem ironias, o doce poeta, minha de nossos versos idealmente nos amámos... São estes os melhores affectos.

Nascidos de afinidades de intelligencia pousam no coração, sem lhe pesarem nunca. Não nos conhecemos. Obedecendo ao conselho amigo de poeta, *«muito avaro, pois de outro me dá um peso»*, mas este pouco foi o sufficiente para que a teu tumulto prematuro eu sentidamente venha trazer a tristeza da minha saudade.

Maria Eugénia Celso

FRAUTA AGRESTE

Mendes Fradique

Parcei estar de uma vez confirmado, que a poesia, qual as uvas e as cerejas, não medra com bom viço na terra adusta do tropico. Rarissimos são os Luizés Delino e os Viçentes de Carvalho, que logram compôr, já de cabelos brancos e mãos tremulas, os seus ultimos versos. No tropico os poetas morrem cedo, ainda mal saídos de adolescência; no Brasil os poetas fenecem, estiolam, como succede ás hortencias, ás uvas e ás cerejeiras. Castro Alves, Alvares de Azevedo, Augusto dos Anjos, Raul de Leoni, Moacyr de Almeida são nomes de poetas dignos desse nome, poetas de verdade, poetas d'entre cujas rimas resumira esse nectar suavisimo, que se chama — poesia.



Capa e páginas de "In memoriam" de *Vida Capichaba* (n. 116, 1928) com resenhas de Maria Eugénia Celso e Mendes Fradique sobre *Frauta agreste*, de Maria Antonieta Tatagiba.

Frauta agreste





